

documentos periódicos de construção

frente&verso

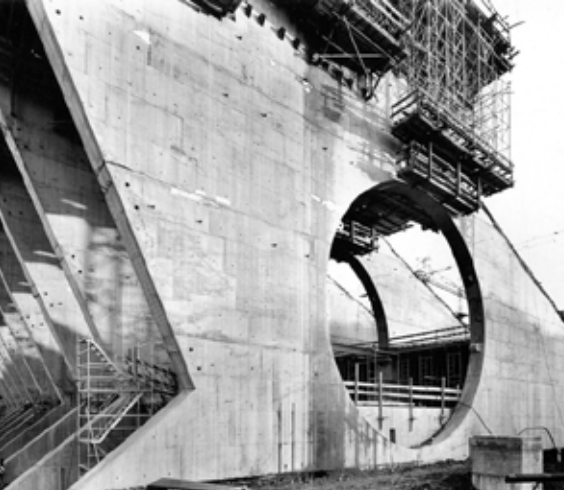
ISSN 2182-8221

estádio
Estádio de Braga
Eduardo Souto Moura

42

CIAMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

“Louco dos pés à cabeça!” Um ponto de viragem na carreira do autor.

Há um pequeno opúsculo de Henry Miller intitulado “Viragem aos Oitenta” que importa conhecer de modo a compreender a importância da idade, ou da maturidade, na assunção de modelos de ação, princípios ou valores de um autor na criação da sua obra e a relevância que se dá ao outro, seja este um mero pretexto filosófico ou simples condicionante moral, na orientação, definição ou contextualização de uma obra de autor.

São inúmeras as vezes que vemos críticos referirem que este ou aquele autor/criador se copia a si próprio, ou seja, quando determinado autor desenvolveu já um conjunto de expressões, referências visuais e relações que o identificam como tal e quando se verte todo ou parte desse léxico de referências numa sua obra, por vezes de um modo acrítico ou sem uma aparente justificação... Se compreende a ideia de que o “mestre copia-se a si próprio”, ou seja, já não é capaz de se reinventar, nem de se atualizar com novas soluções, novos desafios, novas interpretações... Refugiando-se no clichê do conhecido e refugiando-se no conforto da sua certeza, do que já sabe que resulta e do que é, no limite, a sua identidade, a sua manifestação do desejo de coerência.

É severo o cárcere que muitos autores criam limitando o pensamento e o exercício de criatividade que toda a obra de arte implica, que toda a criação deve manifestar de um modo livre e, se possível, de rutura com o estabelecido, com o que já se fez e, de uma certa forma, recusando a ideia de

segurança assente na experiência do que sempre se fez, na solidez da sua obra realizada.

Para Thomas Bernhard, este aspeto é claro e decisivo num artista que se preze:

“O artista só é um verdadeiro artista se for louco dos pés à cabeça; se se entregar totalmente à loucura transformando-a no seu método radical e o mundo que pense e escreva o que quiser”

Thomas Bernhard, 1976

Assim também deverá ser o arquiteto, para além de um homem entre os homens, como definiu Fernando Távora, é um ser capaz de se reinventar e de se superar perante os sempre novos desafios que ora o programa, ora o sítio, o material, o tempo, a função, a agenda, o orçamento, o cliente, o lugar social, cultural e económico, determinam como fermento para o desenho, para o novo desenho que qualquer projeto deve oferecer ao Homem e depois à Arquitetura.

É com cerca de 50 anos que Eduardo Souto de Moura inicia este projeto que será o *game changer* da sua carreira, já feita de obras notáveis, já internacionalmente conhecida e sobretudo já nacionalmente incorporada quase como um “estilo” quando toda uma geração de jovens arquitetos reproduzem quantas vezes acriticamente muitas das suas relações formais, materiais e espaciais, adotando o sentido neoplástico que durante muitos anos ESM reinventou como marca da sua ar-



quitura e assim, oferecia todo um novo campo de trabalho, mais aberto e luminoso, por vezes com cor e em contraste com um outro referencial mais fechado, cúbico e quase sempre sem outra cor senão o branco que muita da infundada crítica comum atribuía a esta arquitetura, como expressão de uma manifesta falta de cultura arquitetónica que a sociedade portuguesa nesta época ainda conhecia.

“A Arquitetura de Eduardo Souto de Moura possui uma nitidez precisa, como se fosse vista por uma lente de uma objectiva. E como Siza tão bem anunciou, “o sentimento que transmite a sua arquitetura é o da serenidade”. Estamos perante uma Arquitetura nítida e serena, uma Architectura decidida e precisa.”

Alberto Campo Baeza, 2011

Importa lembrar que nesta época em que o projeto do estádio se realizou ESM já havia projetado diversas habitações, já tinha sido por diversas vezes premiado, já havia publicado um grande conjunto de monografias que por vezes, mais do que indutor de confiança atuam como perigosos fantasmas que condicionam ou castram o livre exercício da prática do projeto.

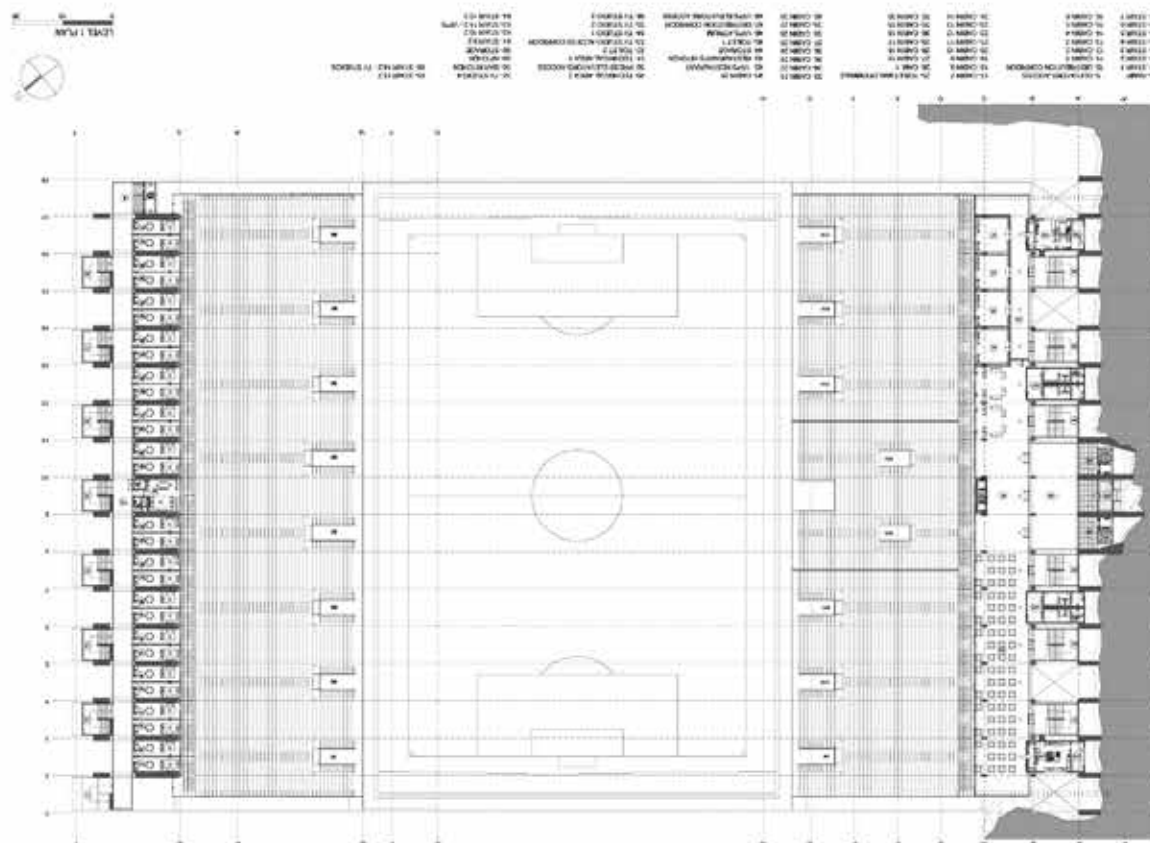
Souto de Moura nesta obra, que diz ser a que gosta mais, surpreende e apresenta um projeto dissonante e em contramão com o rumo que a sua linha projetual parecia preparar-se para sedi-

mentar fixando-se num lugar que, com todo o mérito, havia conquistado mas, no entanto importaria reavaliar sem receio em se expor, de recomeçar, experimentando e perseguindo outras ambições, assumindo errar por uma outra (e talvez nova) direção. É nesta obra singular que Eduardo Souto de Moura revela a sua capacidade de colocar em causa o estabelecido e que por via de sínteses sucessivas de processos foi capaz de construir uma obra onde rompe com diversas verdades tidas como adquiridas e que o seu projeto revela como instáveis, ou seja, abertos ou à procura de uma nova solução.

Deste modo resultam diversos aspetos inovadores e relevantes que esta obra lança como temas de pensamento, investigação que importaria realizar e a saber: i) da tipologia da arena ao estúdio de televisão; ii) da Arquitetura à Escultura; iii) de Mies a Khan - as novas referências de ESM; iv) do Granito ao Betão - uma involução necessária; v) do horizontal para o vertical; vi) da função à emoção na sua nova arquitetura e por fim, vii) do Porto para o mundo, ou seja um outro modo de estar na construção.

Sem dúvida que esta obra foi determinante para a consagração de Eduardo Souto de Moura como prémio Pritzker que orgulhosamente nos oferece. Contudo acreditamos que mais que o reconhecimento internacional a obra que agora se descarna e se despe retrata bem o percurso, tantas vezes necessário, do autor, do arquiteto do ser “louco dos pés à cabeça” na redefinição e na reconstrução da sua própria trajetória. Há obras assim: únicas, no processo, no resultado e na generosidade da dádiva.

Ou como dizia o nosso amigo Óscar Niemeyer “a arquitetura tem de ser bela, se funcionar tanto melhor!”



Assim, oferece todo um novo campo de trabalho, mais aberto e luminoso, por vezes com cor e em contraste com um outro referencial mais fechado, cúbico e quase sempre sem outra cor senão o branco que muita da indústria oficial comum atribuiu a esta arquitetura, como expressão de uma manifesta falta de cultura arquitetónica que a sociedade portuguesa nesta época ainda osmeia.

mentar ficando-se num lugar que, com todo o mérito, havia conquistado mas, no entanto importaria ressaltar sem receio em se expor, de reconhecer experimentando e perseguindo outras ambições, assumindo entre por uma outra (e talvez nova) direção. É nesta obra singular que Eduardo Souto de Moura revela a sua capacidade de colocar em causa o estabelecido e que por via de sínteses sucessivas de processos foi capaz de construir uma obra onde rompe com diversas verdades fiáveis como adquiridas e que o seu projeto revela como insólitos, ou seja, abertos ou à procura de uma nova solução.

Deste modo resultam diversos aspetos inovadores e relevantes que esta obra lança como temas de pensamento: investigação que importa realizar e a saber: 1) da tipologia da arena ao estádio do futebol; 2) da Arquitetura à Escultura; 3) do Meio à Urban - as novas referências de ESM; 4) do Granito ao Betão - uma evolução necessária; 5) do horizontal para o vertical; 6) da função à emoção na sua nova arquitetura e por fim, 7) da Porta para o mundo, ou seja um outro modo de estar na construção.

Tem dúvidas que esta obra foi deliberadamente para a consagração de Eduardo Souto de Moura como primeiro Prémio que oficialmente nos oferece: Condição académica que mais que o reconhecimento interdisciplinar a obra que agora se desvenda e se despoja retrata bem o percurso, tantas vezes necessário, do autor, do arquiteto do seu "louco dos pés à cabeça" na reafirmação e na reconstrução de sua própria trajetória. Há obras assim, únicas, no processo, no resultado e na generosidade da dádiva.

Ou como dizia o nosso amigo Óscar Niemeyer "a arquitetura tem de ser bela, se funcionar tanto melhora".

"A Arquitetura de Eduardo Souto de Moura possui uma nitidez precisa, como se fosse visto por uma lente de uma objectiva. É como Siza tão bem arroudo, "o sentimento que transmite a sua arquitetura é o da serenidade". Estamos perante uma Arquitetura nítida e serena, uma Arquitetura decidida e precisa."

Alberto Campo Basso, 2011

Importa lembrar que nesta época em que o projeto do estádio se realizou ESM já havia projetado diversas habitações, já terminado por diversas vezes prometido, já havia publicado um grande conjunto de monografias que por vezes, mais do que indústrias da construção abrem como pesquisas teóricas que condicionam ou castram o livro exercido da prática do projeto.

Souto de Moura nesta obra, que diz ser a que gosta mais, surpreende e agrada um projeto desordenado e sem controlo, com o tudo que a sua linha projetual parecia preparar-se para esboçar.



CIAMH Research on Innovation



"Louco dos pés à cabeça!" Um ponto de viragem na carreira do autor.

Não um pequeno episódio de Henry Miller intitulado "Viagem ao Oriente" que importa conhecer de modo a compreender a importância da cidade, ou da modernidade, ou a ausência de modelos de ação, princípios ou valores de um autor na criação da sua obra e a relevância que se dá ao outro, seja este um micro protótipo físico ou simples condicionante moral, na orientação, direção ou contextualização de uma obra de autor.

São inúmeras as vezes que vemos críticos referirem que este ou aquele autor/criador se copia a si próprio, ou seja, quando determinado autor desenvolveu já um conjunto de expressões, referências visuais e relações que o identificam como tal e quando se vê tudo ou parte desse léxico de referências, temas, sua obra, por vezes de um modo acrílico ou sem uma aparente justificação. Se compreende a ideia de que o "meio copia-se a si próprio", ou seja, já não é capaz de se reinventar nem de se atualizar com novas soluções, novas ideias, novas interpretações... Refugiam-se no cliché do conhecido e refugando-se no conforto da sua zona, do que já sabe que resulta e do que é no limite a sua identidade, à sua manutenção do despoio da coerência.

É severo o cárcere que muitos autores criam limitando o pensamento e o exercício de criatividade que toda a obra de arte implica, que toda a criação deve manifestar de um modo livre e, se possível, de uma certa forma, recusando a ideia de



segurança assente na experiência do que sempre se fez, na solidão da sua obra realizada.

Para Thomas Bernhard, este aspeto é claro e decisivo num artista que se propõe:

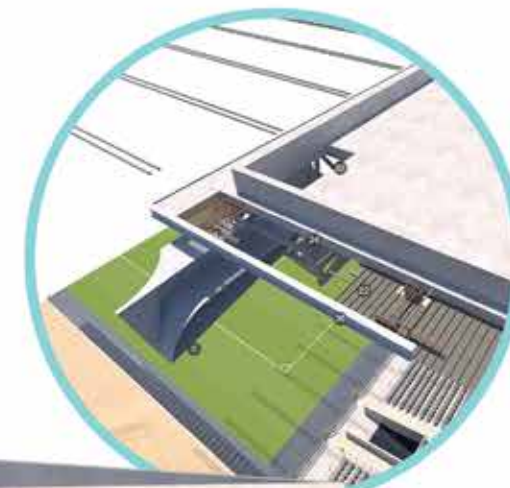
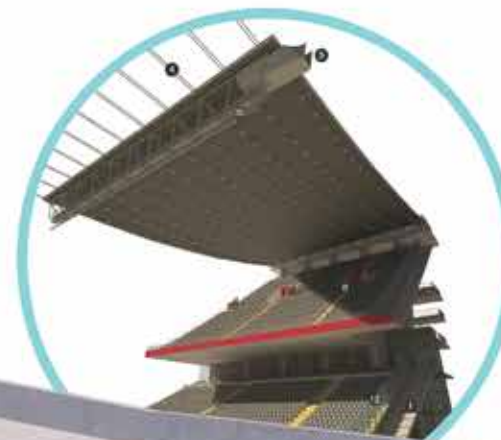
"O artista só é um verdadeiro artista se for louco dos pés à cabeça, se se entregar totalmente à loucura transformando-a no seu método radical e o mundo que pense e escreva o que quiser"

Thomas Bernhard, 1976

Assim também deverá ser o arquiteto, para além de um homem entre os homens, como definiu Fernando Távora, é um ser capaz de se reinventar e de se superar perante os tempos. Novas distâncias que ora o obrigam, ora o alivia, o mantêm, o tempo, a função, a resposta, o argumento, o cliente, o lugar social, cultural e económico, determinam como terreno para o desenho, para o novo desenho que qualquer projeto deve oferecer ao Horizonte e depois à Arquitetura.

É com 60 anos que Eduardo Souto de Moura inicia este projeto que será o germe-chave da sua carreira, já feita de obras notáveis, já internacionalmente conhecida e estabelecida já racionalmente incorporada quase como um "estilo" quando toda uma geração de jovens arquitetos reproduzem quantas vezes acidentalmente muitas das suas relações formais, materiais e espaciais, adotando o sentido neoplasticista que durante muitos anos ESM reinventou como marca da sua arquitetura e

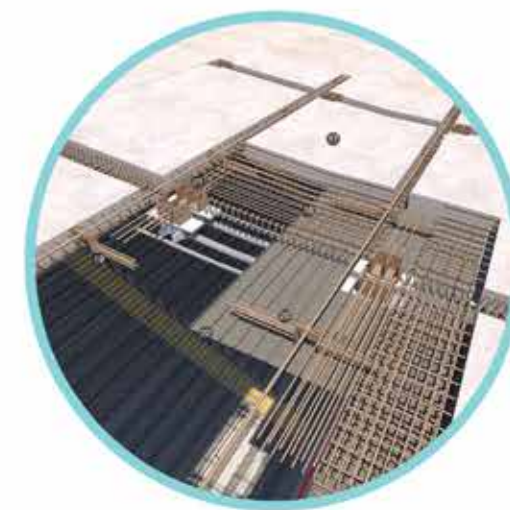
Pormenor da gárgula



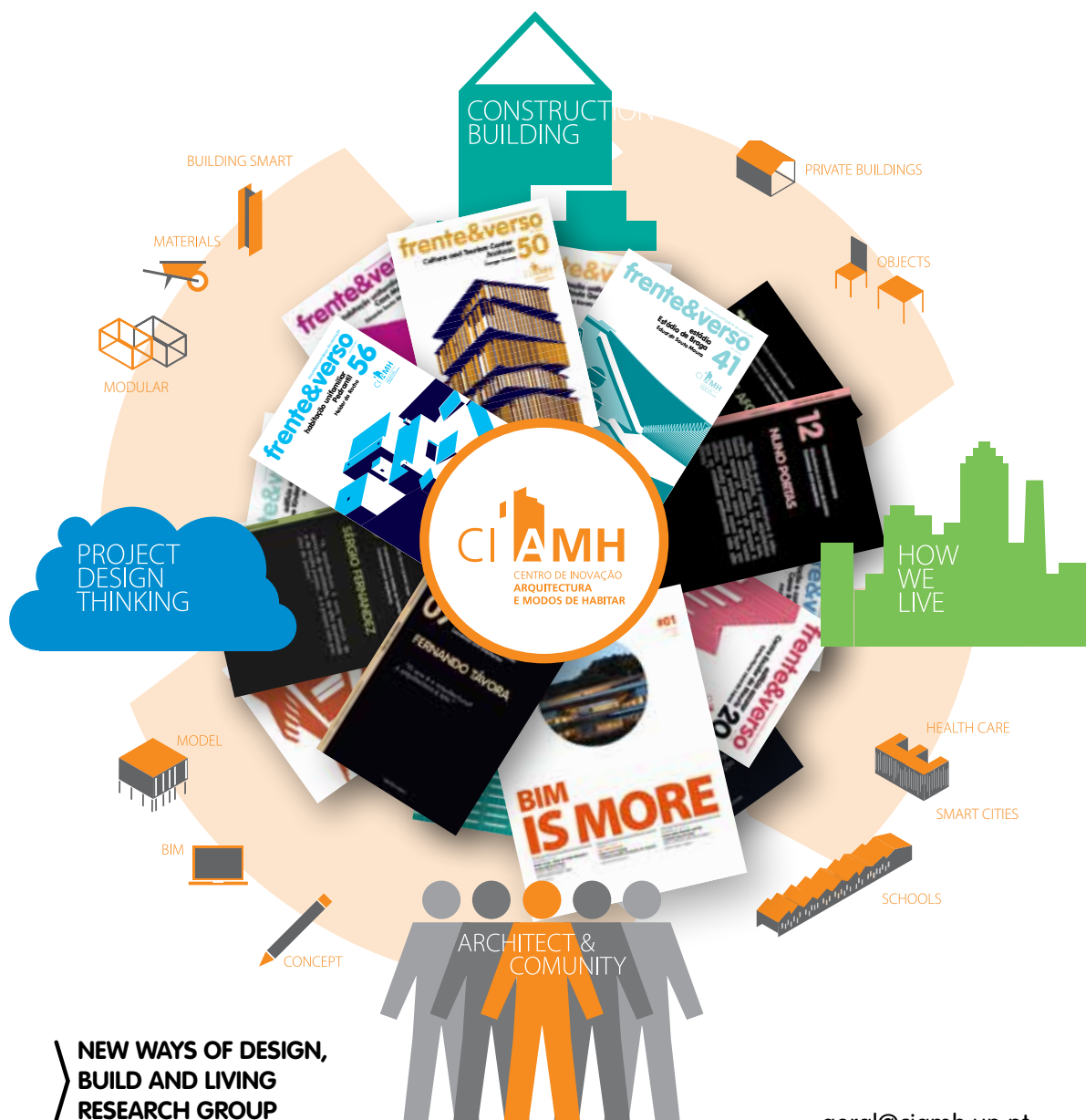
Pormenor da passerelle técnica



Pormenor da cobertura



- | | |
|--|---|
| 01 00 Gárgula Armada | 19 24 Osmundato de aço inoxidável |
| 02 04 Caixa de água para pluviosidade | 19 25 Chapa tipo metal |
| 03 05 Gárgula de aço de 10mm | 19 26 Caixa de água para a gárgula |
| 04 06 Ventilação | 19 27 Ligação metálica de suporte da passerelle com a |
| 05 12 Vento temporário (tempestade) de aço | 20 28 |
| 06 17 Placa de ferro armado | 20 29 |
| 07 18 Armadura de placas de ferro | 20 30 |
| 08 19 Ligação longitudinal traseira placas de ferro armado | 20 31 |
| 09 20 Ligação longitudinal traseira placas de ferro armado | 20 32 |



NEW WAYS OF DESIGN,
BUILD AND LIVING
RESEARCH GROUP

CIAMH Research on Innovation

geral@ciamh.up.pt
www.ciamh.up.pt

U.PORTO

UNIVERSIDADE
DO PORTO
FACULDADE
DE ARQUITECTURA

CENTRO
DE ESTUDOS
DE ARQUITECTURA
E URBANISMO
CEAU

CENTRO
DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS
DE HABITAR
CIAMH

Edições CIAMH - Centro de Inovação em
Arquitectura e Modos de Habitar
Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto PORTUGAL
www.arq.up.pt | (+351) 226 057 100
ciamh.faup@gmail.com

Coordenação Editorial Nuno Lacerda Lopes
Desenho 3D Evgeny Sukhov
Fotografia Arquivo CIAMH
Todos os direitos reservados © CIAMH e autores
ISSN 2182-8237



CIAMH

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020

UNião Europeia
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia